

# CFESS Manifesta

Dia da Consciência Negra

Brasília (DF), 20 de novembro de 2014  
Gestão Tecendo na luta a manhã desejada



CFESS  
CONSELHO FEDERAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

[www.cfess.org.br](http://www.cfess.org.br)

AMARILDO

CLÁUDIA

DOUGLAS

## O LONGO CAMINHO DA DESIGUALDADE

**C**laudia Silva Ferreira levantou ainda antes de amanhecer para mais um dia de trabalho, como auxiliar de serviços gerais. Como fazia todos os dias no Morro da Congonha em Madureira, Rio de Janeiro, saiu para comprar pão e não voltou mais. Foi baleada por um fuzil da Polícia Militar, que a confundiu com bandida. Mais que isso, ao ser “socorrida” pelas mesmas mãos que tirariam sua vida, Cláudia foi implacavelmente arrastada ao “cair” do porta-malas da viatura policial. No meio do caminho, havia um porta-malas. Havia um porta-malas no meio do caminho, que, ironicamente, se abriu e selou um final que não poderia ser mais dramático: ao ser arrastada pela viatura no asfalto, por cerca de 350 metros, Cláudia teve parte de seu corpo dilacerado. **E se acabou no chão feito um pacote flácido** (\*). Cláudia, agora morta, era **negra e pobre!**

**A**marildo Dias de Souza, ajudante de pedreiro, sumiu em julho após ser levado por policiais militares para a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, Rio de Janeiro, durante a operação “Paz Armada”. Foi considerado “suspeito” e recolhido para averiguação. A sessão de tortura a que foi submetido acabou de vez com o sonho de sua pobre família. Amarildo nunca mais voltou. Jamais teria um enterro digno. Seu corpo, inerte e sem vida, jamais foi achado. **Beijou sua mulher como se fosse à única!** (\*). Amarildo, agora morto, **era negro e pobre!**

**D**ouglas Rafael da Silva Pereira, o DG, dançarino de um programa de TV, foi encontrado morto com um tiro na manhã do dia 22 de abril, na comunidade do Pavão-Pavãozinho, em Copacabana, Rio de Janeiro. Em investigação, foi comprovado que a posição de seu corpo foi alterada na perícia. Jovem da periferia, sonhava romper ▶

o ciclo de miséria a que a maioria de seus/suas colegas acabavam incorrendo. Dançou e gargalhou como se fosse o próximo. **E tropeçou no céu como se ouvisse música!**(\*) Douglas, agora morto, **era negro e pobre!**

O extermínio da juventude pobre e negra da periferia das cidades tem revelado uma das faces mais cruéis dessa sociabilidade capitalista, centrada especialmente na forte atuação do aparelho repressivo do Estado, na guerra, cada vez mais explícita, à população negra e pobre.

Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2013 demonstram que morre um/a jovem negro/a e pobre no Brasil em um intervalo de 25 minutos, fruto da violência direcionada do Estado para com a população pobre. Morre em média, a cada hora, dois/duas jovens negros/as, ou seja, 48 mortos/as em 24 horas; cerca de 335 mortos/as em uma semana e 1344 em um mês. Revelando-se que há uma verdadeira guerra declarada contra essa juventude “sobrante”, que exige cada vez mais sua fatia no bolo da riqueza.

**O Brasil com P (\*\*)** mata preferencialmente pretos e pobres. De acordo com 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, das 53.646 vítimas de homicídio, 36.479 são negras; dos 574.207 presos, 307.715 são negros. De 2009 a 2013, cresceu o número de homicídios no Brasil, de 44.518 mil para 53.646 mil. Das vítimas fatais do ano passado, 36.479 eram negras.

Após trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares, nosso manifesto vem como forma de denúncia do aprofundamento da desigualdade, da intolerância e do preconceito que existe na sociedade de classes, principalmente contra negros/as e pobres. Ao nos lembrarmos de Zumbi, temos o dever de estimular a sociedade a refletir e a discutir sobre estas questões.

Essa violência contra a população negra se materializa também na intolerância existente contra as expressões religiosas de matriz africana, apesar de a Constituição Federal garantir “ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”.

Isso, no entanto, não é o que se observa no cotidiano desta população, visto que notícias relacionadas à intolerância religiosa nos chegam

diariamente. De acordo com Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH), o número de denúncias referentes à intolerância religiosa no Brasil aumentou de 15, em 2011, para 109 em 2012. Os principais alvos de discriminação são as religiões de origem africana, como candomblé e umbanda.

A população negra e demais seguidores/as das religiões de matriz africana sofrem cotidianamente ataques discriminatórios, pelo fato de professarem a sua crença, aliado a outros preconceitos, que se expressam das mais variadas formas. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a absorção de negros/as no mundo do trabalho se expressa em maior escala em postos de trabalho nos quais as exigências de qualificação profissional são baixas e, por conta disso, os salários também são nivelados por baixo.

Relevante acrescentar ainda que, no campo educacional, essa desigualdade se reflete explicitamente pelo baixo número de negros que frequentam o ensino superior, apesar das políticas existentes, como o sistema de cotas, que oportunizou o “acesso” de negros/as ao ensino superior. Este modelo se configura como uma forma de minimizar a situação de alunos/as oriundos/as de escolas públicas em geral, e dos/as negros/as em particular, herdeiros/as de uma vergonhosa desigualdade social do Estado brasileiro há muito tempo. O sistema de cotas também tem sofrido ataques e questionamentos quanto à sua validade e efetiva possibilidade de justiça social.

O Brasil tem a segunda maior população negra do mundo e destacamos que ninguém tem mais direito em reivindicar igualdade de direitos do que a população afrodescendente, a qual sustentou a riqueza deste país por mais de trezentos anos de escravidão e que teve como “recompensa” a questionável liberdade “concedida”.

Assim, o CFESS vem manifestar-se e solidarizar-se com os/as negros/as, não só do Brasil, mas do mundo, reafirmando a defesa intransigente dos direitos humanos e contrário a todas as formas de preconceito, discriminação, opressão e exploração do homem pelo homem.

(\*) *trecho da música “Construção” de Chico Buarque*

(\*\*) *Título da música de Gog*

## NEGRAS SENTINELAS

daniela castilho

Até quando vós sereis humilhados?  
Até quando te arrastarão por um camburão  
presa ao chão?  
Até quando em contramão?  
A luta não cessa  
Como não cessa a exploração, o racismo e  
as algemas  
A luta está na rua  
Na mesma rua em que vives a mendigar um  
pedaço de vida  
Novas senzalas são construídas em periferias  
e quetos  
No contratempo de um novo vento  
Vais guerreando contra a escravidão branca  
e patriarcal  
A carne dói já chamuscada de tanto  
enfrentar  
A opressão que tentam ocultar  
Em belas palavras ou em profícuas leis  
Quanto seremos?  
Quanto de nós ainda sumiremos?  
Queremos saber de Amarildo, Douglas e  
Cláudia.  
Pois, o sangue escondido em gargalhadas  
satânicas  
Revela a terrível intenção: o extermínio e a  
ausência de um passado diferenciado  
É preciso reescrever tua vida imperfeita  
É urgente a insurreição pelas perigosas  
madrugadas  
E saibas, seguiremos contigo em negras  
sentinelas!  
Vem, a escuridão derrama um novo sol que  
surge timidamente  
Sussurrando e reclamando as noites mal  
dormidas  
Vem, banha a vida com teus cabelos negros  
E derrama uma nova melodia  
Nesse novo dia a brotar e sonhos a despejar.



CFESS  
CONSELHO FEDERAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

SCS Quadra 2, Bloco C,  
Edf. Serra Dourada,  
Salas 312-318  
CEP: 70300-902  
Brasília - DF  
Fone: (61) 3223.1652  
Fax: (61) 3223.2420  
cfess@cfess.org.br

## Gestão Tecendo na luta a manhã desejada (2014-2017)

**PRÉSIDENTE** Maurílio Castro de Matos (RJ)  
**VICE-PRÉSIDENTE** Esther Luíza de Souza Lemos (PR)  
**1ª SECRETÁRIA** Tânia Maria Ramos Godoi Diniz (SP)  
**2ª SECRETÁRIA** Daniela Castilho (PA)  
**1ª TESOUREIRA** Sandra Teixeira (DF)  
**2ª TESOUREIRA** Nazarela Rêgo Guimarães (BA)

**CONSELHO FISCAL**  
Juliana Iglesias Melim (ES)  
Daniela Neves (DF)  
Valéria Coelho (AL)

**SUPLENTE**  
Alessandra Ribeiro de Souza (MG)  
Josiane Soares Santos (SE)  
Erlenia Sobral do Vale (CE)  
Lilian da Silva Gomes Melo (AM)  
Marlene Merisse (SP)  
Raquel Ferreira Crespo de Alvarenga (PB)  
Maria Bernadette de Moraes Medeiros (RS)  
Solange da Silva Moreira (RJ)  
Hirley Ruth Neves Sena (MS)

### CFESS MANIFESTA

Dia da Consciência Negra

**Conteúdo (aprovado pela diretoria):**

Daniela Castilho e Nazarela Rêgo

**Assessoria de comunicação:**

Diogo Adjuto - JP/DF 7823

Rafael Werkema - JP/MG 11732

**Revisão:** Diogo Adjuto

**Arte/diagramação:** Rafael Werkema